

Construindo histórias e narrando memórias: Os sentidos e os significados da migração em Cascavel-PR

EMESON TAVARES DA SILVA*

Introdução

Este artigo esboça parte da inquietação de minha pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. O estudo está relacionado às dinâmicas socioculturais, as trajetórias itinerantes e a relação com os espaços urbanos, vivenciados por nordestinos na cidade de Cascavel, localizada na região oeste do estado do Paraná.

Alinhavando-se a narrativa histórica encontram-se as formas, usos e práticas na reprodução social da população através de encontros, assentamentos, deslocamentos como da casa ao trabalho, nas múltiplas experiências entrelaçadas com os espaços, lugares e não lugares presentes na vida urbana.

Neste texto procuro apresentar representações sobre a cidade, interpretação que visa debater com a multiplicidade da memória da população, suas manifestações e reivindicações no espaço permeado pela luta cotidiana no fazer-se da cidade, considerando os valores e significados que permitem compreender a cidade de Cascavel, o movimento, o sentido e o significado da migração a partir dos sujeitos históricos que a constroem. Para tanto tomo como suporte a dissertação “A CAPITAL DO OESTE”: Um estudo das transformações e (re)significações da ocupação urbana em Cascavel – PR (1976-2010)” desenvolvida por Maicon Mariano, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Cascavel e suas histórias

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia e professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus Cascavel-PR*.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

A população que ocupa a cidade de Cascavel, bem como a região oeste do estado paranaense, procede principalmente de fluxos migratórios que se intensificaram em meados do século XX. Bem verdade, trata-se de uma reocupação, considerando que nações Caingangues e Guaranis há tempos remotos já haviam se estabelecido.

O primeiro modelo de ocupação se deu com a exploração da erva mate, através de empresas estrangeiras no início do século XX, exploração que entrou em decadência com a crise econômica de 1929. Na situação de “desabitada”, e mais ainda, constituindo fronteiras nacionais, a colonização regional passou a ser entendida pelo Estado como necessária. Projetos nacionais e regionais como a “marcha para o oeste” nortearam a criação de novos municípios, como no governo de Bento Munhoz da Rocha (1951-1955), ao promover as emancipações municipais, incluindo Cascavel em 1952.

Em poucas décadas o aumento populacional ocorreu de forma acelerada, em Cascavel, segundo dados do censo demográfico, a população que em 1950 não superava os 500 habitantes em 1970 contava com 89.417 pessoas. Compreendo que fluxos migratórios são movidos por diferentes sujeitos sociais, que chegaram à cidade e que, por vezes, Cascavel não era o destino previsto, e assim “mais do que trânsito de um lugar a outro, há transição de um tempo a outro. Migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais” (MARTINS, 1997: 45).

Desta forma, foi na passagem da década de 1970 que a população urbana ultrapassou a rural, além disso, prosseguiu, com maior evidência, a criação de políticas urbanas para planejamento e modelamento da cidade. No que se refere ao planejamento urbano a presença de arquitetos da Universidade Federal do Paraná – UFPR influenciaram em novos arranjos de organização urbanas e, logo em 1977 a elaboração do Plano Diretor para a cidade.

Avesso às cidades antigas, a constituição municipal de Cascavel é recente - é uma cidade classificada como porte médio, mesmo que essa definição seja um tanto abstrata. O desenvolvimento da cidade está estreitamente ligado à construção de rodovias que iriam “encurtar” grandes distâncias entre o Sul e Centro-Oeste do país. É plausível que as intervenções e idealização de sua composição urbana se encontrem em símbolos como

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Brasília e Curitiba, assinalando um modelo de cidade a partir das balizas: moradia, trabalho, circulação e lazer.

No imaginário do tempo e espaço, a cidade construída por discursos e imagens, iniciada pelo dualismo entre o primitivismo e o desenvolvimento, no ato de derrubar a mata, na ocupação do vazio, da presença do concreto na circulação automóvel, no crescimento vertical. Mas, sendo essa uma leitura unilateral progressista não contempla os acontecimentos vividos pelas populações urbanas em suas diferentes dimensões, nas relações tecidas pela sociedade no cotidiano, em seus acontecimentos efêmeros e complexos na complexidade do mundo contemporâneo. Assim, é que os espaços trilhados produzem novas experiências, os espaços não são neutros produzem experiências concretas. Presentes em diferentes formas nas articulações entre os grupos sociais, aonde os lugares vão sendo produzidos pelos encontros sejam estes no: bar, na rua, calçada, nos fundos de uma igreja, na quadra esportiva, lan house, em um terminal de transporte, mesmo sem modificar o cenário, é na simples presença que o lugar não significa o mesmo de sempre.

No modo em que a trama e relações não apresentam formas definidas simplesmente no âmbito do visível. Portanto, neste estudo em andamento compreendo que a história parte em investigar temas e problemas do presente, partindo do pressuposto metodológico de que “a história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, como um menor recuo e método particulares, o estudo do presente” (CHAUVEAU & TÉRART, 1999: 15). Entendo que desenvolvimento urbano de Cascavel está estreitamente ligado aos perfis de cidades desenvolvidas durante a ditadura militar brasileiras, observando no conjunto arquitetônico como na cultura política. A cidade como um conjunto de viveres rurais e urbanos proporcionam caminhos para melhores exames, mas no caso da cidade de Cascavel, ocorreu uma descomunal urbanização em poucas décadas, é nesse processo que as relações praticadas no tempo espaço se encontram como meu problema metodológico.

A escala de observação será medida em diferentes espaços da cidade, uma vez que os sujeitos de minha pesquisa, qual sejam eles, os nordestinos, trafegam por toda cidade, pois esses espaços expressam tramas específicas na vida cidadina, no modo como espelham particularidades daqueles que o ocupam.

Íntimas relações entre os objetos o espaço público e privado influenciam na identificação dos sujeitos, nos comportamentos que se modificam ao chegar em casa, ao caminhar e ao trabalhar na cidade. Neles há linguagens e sinais característicos que contribuem para interpretar a leitura sobre a cidade como um todo podemos perceber no cotidiano.

Não há como em um único estudo aprofundar as múltiplas relações vividas em cada conjunto por seus moradores, mas pensando as relações entre migração, ocupação e sociabilidades, terei melhor êxito ao capturar fragmentos de práticas culturais vividas nos cruzamento da cidade.

Histórias, Memórias e a Migração

Sendo a História campo do conhecimento que apresenta seus resultados observando os movimentos de transformação. Surge um panorama de nova abordagem e questionamentos onde a complexidade crescente no mundo contemporâneo nos desafia a interpretar, e que será uma janela que rompe o distanciamento da academia e a sociedade.

O processo migratório que me propuz a entender com maior atenção na realização da pesquisa desenvolve-se em diferentes dinâmicas. Na cidade houve uma diversificação de produção econômica, causada pela instalação de indústrias e com desenvolvimento do setor terciário implicou em um novo perfil de cidade. No recorte temporal da década de 1970 para fim da década 2000, o contingente populacional, segundo dados do IBGE, passou de 89.417 para 286.172 habitantes mil habitantes em 2010. O crescimento econômico e populacional contribuiu para projeção de uma cidade polo em desenvolvimento regional uma imagem de cidade do futuro cada vez mais foi difundida, na romântica propaganda oficial a cidade é classificada como “Capital do Oeste”, terra das oportunidades.

Na passagem de 1970/1980 a população urbana ultrapassou a rural não apenas no município como no estado do Paraná, além disso, prosseguiu com maior evidência, a criação de políticas urbanas para planejamento e modelamento da cidade. Um dos fatores que contribuiu para esse crescimento, diz respeito à constituição de um entroncamento rodoferroviário fazendo da cidade um corredor de passagem entre os estados do Sul, Centro-

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Oeste e países vizinhos. Desde a década de 1970 a circulação de pessoas e mercadorias em direção ao Norte do país passa ser uma constante, entre os fatores que acentuavam o fluxo estão a instalações de madeireiras no Estado do Mato Grosso e Rondônia, como a oferta de terras por preços atrativos. Cascavel como outras cidades do oeste paranaense recebeu milhares de migrantes oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina durante a década de 1950 e 1960 e passava a se configurar um corredor de passagem para o Norte. Entre os monumentos urbanos a Praça do Migrante é uma expressão dessa característica presentes na vida da cidade.

Cada placa de concreto representa uma região do Brasil, as duas maiores apontam para região Sul e Norte, respectivamente chegada e partida. A escolha para lugar para construção da praça do migrante correspondia ao lugar que se deu desenvolvimento urbano investido pelo comércio. Localizada na Avenida Brasil, a praça está ilhada por uma rotatória entre a Avenida Brasil e a Avenida Tancredo Neves. Neste caso é uma praça mais para se ver do que praticá-la.

Como minha pesquisa é bem inicial e as entrevistas que no momento desenvolvi está voltada especificamente a questão particular dela, tomo como referência a pesquisa desenvolvida por Maicon Mariano.

Durante a pesquisa de campo realizada no primeiro semestre de 2011 o autor , entrevistou alguns moradores da cidade, selecionados de acordo com os critérios estabelecidos como sexo, idade, gênero, trabalho, categorias de migração entre os quais o período em que chegaram à cidade. Entre as perguntas previstas no roteiro a outras que surgiam durante a conversa, o autor buscava entender o sentido e significado que a praça do migrante teria na vida dessas pessoas, já que tratava de um monumento que homenageia os migrantes. Segundo ele, as palavras sentido e significado não sou familiar ao comentar sobre a praça do que outros lugares da cidade menos badalados, a importância muitas vezes era remetida ao ponto de sua localização.

Entre os entrevistados está seu Osiris de setenta e dois anos, natural de Paranaguá veio para Cascavel em 1974 como escriturário no banco Comercial do Estado de São Paulo que após fusão com o banco Itaú, ele foi trabalhar como taxista, ainda em 1978. Em relação à

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Praça do Migrante: É um ponto de referência. Na gestão do [prefeito] Jacy Scanagatta foi feito. Foi feita aquela praça em homenagem aos migrantes que vieram para cá e ali é hasteada a bandeira do Brasil e de todos os estado e a municipal, então tem muita importância fica em um local muito privilegiado na cidade e ela é importante por essa razão.

Como taxista seu Osiris passa praticamente todos os dias, e mais de uma vez pela Praça, “é um ponto de referência” raciocínio perfeito, mesmo porque o nome Praça do Migrante, ou apenas Migrante é reempregado como referência para pontos comerciais em suas proximidades como para Agência do Banco do Brasil “Agencia do Migrante”. Em um dado momento da conversa seu Osiris revela que uma das suas filhas vive no estado do Mato Grosso “Eu tenho uma filha no Mato Grosso, eu tenho uma filha lá em Rondonópolis... estive lá em dois mil e cinco. Eu gostei do Mato Grosso eu gostei do povo do Mato Grosso porque é um povo mais cordial, mais gente sabe?”. Os laços mantidos entre moradores de Cascavel com seus familiares que migraram para Centro-Oeste e Norte foi uma constante entre os entrevistados. Neste sentido existe um distanciamento entre a experiência desta população que deu sentido e razões para a construção da Praça e o sentido da mesma para a população “Mas, para dar ao tempo da história um contraponto espacial digno de uma ciência humana, é preciso elevar-se um grau acima na escala da racionalização do lugar. É preciso proceder do espaço construído da arquitetura à terra habitada da geografia” (RICOEUR, 2007: 160).

Outra moradora com quem conversou foi Inês Monaretto moradora do bairro Guarujá desde a década de 1990. Inês nasceu em Água Doce no Estado de Santa Catarina, acompanhando seus pais chegou a Cascavel com onze anos de idade. Dez anos depois saiu de casa para ter uma vida independente em Curitiba e logo após mudou-se para São Paulo capital, aonde viveu aproximadamente vinte anos, para então voltar a Cascavel.

Exercendo a profissão de Contadora trabalhou em diferentes empresas, apenas há dois anos encerrou suas atividades profissionais e vem se dedicando aos afazeres da Associação dos moradores do Guarujá. Perguntada sobre a Praça, ela uma migrante de um estado Sul respondeu: Eu conheço, passo muitas vezes por lá, agora a gente passa de carro acaba não parando na praça. Sim ela tem [significado], sabe porque? A cidade ela é formada de migrantes. Lógicos esses migrantes vieram se instalaram e logo os filhos nasceram aqui,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

muita gente jovem é daqui. Mas eu acho por ser fundada por migrantes, então no meu ponto de vista vejo que, deram o nome dessa praça por causa disso, por ter muitos. Agora particularmente se tem outro significado eu não sei.

A pergunta sobre a Praça foi uma das últimas da entrevista poderia ter passado batida, pois não está presente entre os lugares da cidade vivos em sua memória. Inês saiu de Cascavel em 1972, viveu muitos anos na cidade de São Paulo, manteve o contato e visitas regulares a sua família que havia permanecido na cidade. Segundo Inês quando conseguia pegar férias ficavam alguns dias em Cascavel e surpreendia-se com o crescimento da cidade. Inês articulou muito bem a resposta em relação ao sentido e existências da Praça do Migrante “A cidade ela é formada de migrantes”, mas, dos lugares da cidade que importam outros sentidos e significados de mudança, neste caso existe outro lugar citado várias vezes em sua narrativa que tomou tal importância: a Rua Pio XII, uma referência de seu passado, do passado da cidade, bem como, das transformações da cidade e de sua vida: Muito bem, quando eu sai de Cascavel era longe para tudo era longe de onde minha família morava para o centro. As vezes que eu vinha aquilo se desenvolvia. Então eu descia na rodoviária pegava um taxi ou meus irmãos iam me buscar, então eu descia a [rua] Pio XII. Na época era aquela laminadora já estava tudo cidade, o desenvolvimento estava sendo tão grande. Naquela época era tudo estrada de chão ainda, e já estava asfaltado e já estava progredindo crescendo então aquilo para mim era um sonho!

Nas décadas recentes parte de sua família mudou-se para o estado do Mato Grosso, segundo ela são sete irmãos e mais a segunda família de seu pai “foram todos praticamente para o Mato Grosso, vou para lá quando eu posso”. Fez boas referências sobre a qualidade de vida de seus familiares que vivem no Mato Grosso, reservando um otimismo e mantendo uma perspectiva positiva em relação à cidade de Cascavel, ao seu crescimento urbano medido como qualidade.

Essas entrevistas realizadas por Maicon Mariano me ajuda a entender melhor esse processo de fluxos migratórios na e para a formação histórica de Cascavel, demonstrando no cenário da cidade essa realidade.

Considerar a possibilidade de definir qualquer cidade apenas por ideias de

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

representações modernas não parece provável, tampouco contestar as interferências empregadas pelas políticas públicas de reformas urbanas. Assim, a opção em trabalhar com a categoria cidade memória vai em direção de problematizar histórias oficiais, questionar mistificação da cidade progressista, na qual a memória política atribui seus valores, apreciando atores principais, e ao mesmo em que há a tendência de silenciar os conflitos sociais existentes em outras dinâmicas contraditórias. Para debater com a categoria Cidade e Memória faço uso de fontes orais e impressas explicitando os embates em torno da narrativa histórica.

O historiador Bernard Lepetit, em *Por Uma Nova História Urbana*(2001), estimula-nos a refletir sobre os usos da cidade no presente, determinante para continuidade de seus objetos. Lepetit faz referência a cidades europeias com mais de mil anos, interpreta a cidade histórica pelo presente, não pelo acúmulo de vestígios históricos representados por edifícios antigos, mas de que forma são reutilizados no uso moderno. “É evidente que isso põe em questão nossos modos de pensar e de fazer, pois se trata, no limite, de considerar o futuro como fechado e necessário e o passado como aberto e contingente. Mas talvez seja, hoje, o meio mais seguro para a criação do sentido social” (LEPETIT, 2001: 153).

E para compreender melhor os significados conferidos a cidade menciono a contribuição teórica do antropólogo Antonio Arantes. O autor comenta como os espaços da cidade são agregados de tensões e conflitos. Um capítulo em especial que me faz refletir sobre a as sociabilidades dos espaços é *Guerra dos Lugares*, neste há uma forte discussão sobre os ambientes urbanos cotidianamentetrilhados, onde se constitui coletivamente as fronteiras simbólicas. Fronteiras que se criam nessa expressão de tensões e conflitos gerados pela confluência de múltiplos territórios, dos lugares e não lugares, entrecruzados formados pela sociabilidade. Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam nivelam, hierarquizam ou, num palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de “pertencimento”. (ARANTES, 2000: 106).

Em relação às experiências estas são compreendidas não como um mero viver e sim com viveres compartilhados em diferentes dimensões, assim, o trabalho tem como perspectiva evidenciar práticas coletivas e individuais de reivindicações das diferentes necessidades, morar, ouvir, degustar, tocar, namorar e a precisão de reunir esses sentidos em seu mundo habitual. As experiências sociais possuem um caráter ambíguo entre o ser social e a consciência social, são sujeitos sociais que constroem expectativas e visões sobre a cidade e como elas podem se expressar em tais experiências.

Deste modo, recorro ao historiador E.P. Thompson, através da sua discussão em *A Miséria da Teoria*, que será de relevante importância para discussão deste trabalho: E quanto à “experiência” fomos levados a reexaminar todos esses sistemas denso, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão... parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, forma simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias - tudo o que, em sua totalidade, compreende a “genética” de todo o processo histórico, sistema que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria sua pressão sobre o conjunto (THOMPSON, 1981: 182)

Algumas considerações

Deste modo como também ressaltou o Maicon Mariano em sua pesquisa, é por meio das experiências sociais que se encontram suportes compreensíveis sobre as trajetórias vividas pelos sujeitos históricos, como de onde os sujeitos vieram? Como vivenciam as transformações da cidade? De que forma convivem com certas imagens projetadas aos espaços de moradia? Que relações de pertencimento mantêm com a cidade? A proposta é uma pesquisa em que se buscam nas experiências dos trabalhadores nordestinos suas representações individuais e sociais, a constituição de espaços públicos e outras sociabilidades

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

como uma dinâmica social vivida.

Assim, entre os métodos de pesquisa, me utilizo das fontes orais como ferramentas para construções de interpretações, em apreender jogos de significação de realidade em face das lutas de dominação e resistência, que indagam horizontes possíveis e limitados de assentamento na vida urbana. Nesta perspectiva, não se trata de transportar a memória no passado, pois como reintera Ulpiano Meneses “A memória é filha do presente. Mas, como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto (MENESES, 1992: 14)”.

No meu trabalho lido com homens que se constituem socialmente como sujeitos históricos, que vão adaptando suas realidades ao mesmo tempo em que são ajustados por ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNÈS CHAUVEAU E PHILIPPE TÉTART (ORG) Questões para a história do presente. São Paulo: Edusc, 1997

ARANTES, Antônio Augusto. Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público. São Paulo: Unicamp, 2000.

CERTEAU, Michel de; LUCE, Gird; PIERRE, Mayol, A Invenção Do Cotidiano 2. Moras, Cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DIAS, Caio Smolarek; FEIBER, Fúlvio Natério; DIAS, Solange Irene Smolarek. Cascavel: um pedaço no tempo. A história do planejamento urbano. Cascavel: Sintagma Editores, 2005.

DURHAM .Eunice Ribeiro. A Caminho da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 1984.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio 2006

MARIANO, Maicon. “A CAPITAL DO OESTE”:UM ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES E (RE)SIGNIFICAÇÕES DA OCUPAÇÃO URBANA EM CASCAVEL – PR (1976-2010). Dissertação de Mestrado (História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianopolis,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

2012.

MARICATO, Ermínia. Política Habitacional do Regime Militar: Do Milagre Brasileiro a Crise Econômica. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

MENESES, Upiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória do campo das ciências sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: IEB, nº 34, 1992.

PIAIA, Wander. A ocupação do oeste paranaense e a formação de Cascavel: As singularidade de uma cidade comum. 2004. Tese (doutorado em história). UFF.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto história. São Paulo, PUC / SP, nº 14, 1997.